



Banda da Castanheira renasceu a 26 e 27 de Julho

Reviver a "Música" da Castanheira

Foi uma festa bonita em que se homenagearam os músicos ainda vivos da Banda da Castanheira. Houve missa, procissão e concerto. E ficou a interrogação: será que há lugar para uma banda na Castanheira?

Páginas centrais



PESSOAS

Irene Fonseca, engenheira e vereadora



Irene de Jesus Marques Fortunato da Fonseca tem 38 anos e é engenheira civil na Câmara Municipal de Almeida, onde só esteve dois anos. De há sete anos para cá desempenha as funções de vereadora a tempo inteiro na Câmara Municipal de Pinhel, eleita pelo Partido Social Democrata. É filha de Amadeu Fortunato, ele também durante muitos anos autarca em Pínzio.

Irene Fonseca mora nas Gonçalbocas e tem 3 filhos, dois dos quais gémeos (duas raparigas, nascidas no passado dia 12 de Junho). Não nasceu na Castanheira, terra dos seus pais, que foram desenvolver o seu negócio para Pínzio, mas em criança e jovem vinha passar à Castanheira muitas das férias com os seus familiares (tios e primos), mantendo ainda com a nossa aldeia laços de muita amizade.

Entrevista na página 4.

SUMÁRIO

Coro da Igreja anima	página 3
Chico do Morumbi e Dona Rosa no Brasil	página 8
Euro na Suíça	página 8
ACDC prepara-se	página 9
Palavras da nossa terra	página 9
FIGURAS: José Dias Neto	página 10
Casas com barrocos	página 11
Limpeza dos campos	página 12



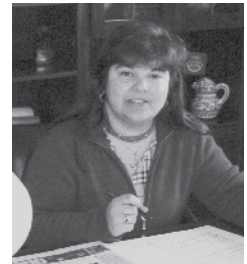
por Joaquim Igreja

A travesso pela Castanheira

Gosto de seguir os caminhos sem saber onde levam.
 Gosto de ir pelos pinhais a sentir o cheiro a resina e caruma.
 Gosto de ir ver os ribeiros (lavadouros) onde ainda se sentem os risos das mulheres a lavar.
 Gosto de descer a Laja Longa agora sem milho e vagens a secar.
 Gosto de percorrer as Eiras, esse monstro grande no meio da aldeia, uma espécie de coração disforme e grande demais.
 Gosto de seguir o caminho da Fonte Sino para chegar lá ao cimo e imaginar o Cerro como ele era antes.
 Gosto de ir espreitar as terras que ainda são cultivadas.
 Gosto de fotografar as noras velhas e com os copos a desfazer-se em ferrugem.
 Gosto de subir aos barrocos e olhar à volta: 360° de mato ou lameiros.
 Gosto de ir espreitar os poços abandonados.
 Gosto de me cruzar com um rebanho.
 Gosto de pegar na "farrã" e fazer uma "pipa".
 Gosto de ir até à Ribeira ver as poldras cheias.
 Gosto de ir ver os ex-votos do Santo Amaro no Porto Mourisco.
 Gosto de encontrar um tartulho atrás de uma moita.
 Gosto de ir ver os buracos das portaleiras onde o meu pai apanhava coelhos.
 Gosto de ir ver a casa sem telhado às Lajas.
 Gosto de ver os carreirinhos de formigas.
 Gosto de ir ver as sepulturas na rocha nas Desgracias.
 Gosto de lembrar as maçãs agras da Carreira da Fonte.
 Gosto de forçar as portas dos casebres abandonados para descobrir as ruínas.
 Gosto de percorrer de novo o caminho da Santa Eufémia.
 Gosto de dar a volta ao quarteirão da "nossa" casa da Castanheira.
 Gosto de olhar para o olmo e de imaginar a Fonte Soeiro.
 Gosto de parar junto ao ti Zé Neto a ver se ainda soam lá os jogadores de cartas.
 Gostava de ver outra vez a camioneta antiga do ti Zé Maria.
 Gosto de imaginar as famílias de 10 filhos.
 Gosto de ver ao longe a silhueta do nicho da Carreira das Lajas.
 Gosto de ir pelos pinhais ver de míscaros para o arroz.
 Gostava de ver outra vez a escola antiga (em que andei um ano).
 Gosto de ir junto à capela ouvir as peças de teatro de há 40 anos.
 Gostava de ver correr as regueiras.
 Gostava de poder ir à meruje.
 Gosto dos primeiros bagos maduros das videiras em Setembro.
 Gosto de imaginar um tesouro no fundo da gruta de um barroco.



Desta vez dicas limpinhas



por Dolores Carreira

Agora que chegou o tempo "sadio" (como dizem os nossos!), vamos dedicar mais tempo aos pequenos pormenores:

Como retirar o bolor... coloque a peça a corar ao sol com água oxigenada a 10 volumes;

Para retirar óleo de papéis, ponha um mata-borrão e por cima passe o ferro bem quente;

Retire os odores desagradáveis da arca frigorífica, embebendo um algodão em baunilha e coloque-o dentro;

Retire manchas de banha, manteiga, graxa e cera, aplicando benzina ou éter. depois polvilhe talco e lave com água quente e sabão;

Retire o cheiro de cigarros dos cinzeiros lavando-os com água e vinagre;

Retire as manchas de canetas esfregando com aguarrás e depois deixe por alguns minutos. Lave normalmente e para secar.

Para remover manchas de ferro de passar nos tecidos, use uma solução de vinagre e sal aquecida. As manchas escuras sairão.

Retire as manchas de água em móveis: Passe com uma flanela embebida em óleo sobre os móveis;

Tire nódoas de mel adicionando sobre a mancha de mel uma solução de bicarbonato de sódio e água quente. Depois lave e enxágue com água fria;

Para remover as manchas de vinho tinto, limpe com vinho branco ou use loção de barbear. A espuma é um bom removedor de manchas.

Faça a limpeza de flores artificiais, colocando-as dentro de um saco de papel, adicione uma colher de sal e sacuda alguns minutos.

Se houver manchas de café, lave com água morna e glicerina.

E para a limpeza do seu aquário? Com uma mistura de água e vinagre fricção-o. Enxágue várias vezes para não prejudicar os peixes.

E finalmente para retirar a ferrugem de um utensílio doméstico?! Pensava que o simples limão resolvia !! Isso é nos tecidos (já se tinha esquecido!!). Se o utensílio tiver ferrugem, limpe mergulhando-o durante 24 horas, numa mistura de três partes de azeite e uma de gasolina.

Continuo à espera da sua colaboração ...!!!
 (dolorescarreira@mail.telepac.pt)

Votos de Boas Férias para todos os Castanheirenses e outros leitores.

Coro dá animação à missa

Quem é que já imaginou uma missa na igreja da Castanheira sem coro? Seria igual? Será que iríamos notar a diferença? Com certeza que sim. Uma missa alegre, com um belo coro a acompanhar, torna-se mais agradável e apelativa. É essa a função do coro da Castanheira, constituído actualmente por 14 elementos, Adélia Miguel, Celina Abadesso, Palmira Marques, Rosa Pires, Gracinda Carreira, João Saraiva, Paulo Esteves, Maria Coelho, Adelina Pereira, Rosa Rebelo, Conceição Pereira, Manuel Pereira, Lurdes Teixeira e Lurdes Lino.

Apesar de poucos homens e poucos jovens, este grupo faz o possível para embelezar as missas e agradar ao povo. Com excepção de Palmira Marques e Gracinda Carreira, que entraram apenas este ano e de Adélia Miguel, que entrou há 5 anos, todos os outros elementos pertencem ao coro praticamente desde a sua formação. De referir que, além destes elementos, os jovens Elmano, Adelaide e Igor dão uma ajuda preciosa sempre que estão na Castanheira, especialmente o Elmano, que em dias especiais leva o órgão para acompanhar o coro. O desejo do grupo era que o órgão estivesse sempre presente, mas tal não acontece, não só por não haver quem o toque, mas também porque o órgão da Igreja não está a funcionar.

Apesar de ser um grupo coeso e de

todos darem a sua opinião, Conceição Pereira é a principal responsável, sendo ela a que começa a cantar. Só na sua ausência é que Adélia Miguel inicia o cântico. Os ensaios decorrem todos os sábados, na Igreja, a seguir ao terço, onde se juntam e escolhem os cânticos de acordo com as leituras e o evangelho. Rosa Rebelo é a principal responsável pela constante renovação dos cânticos. Apesar do Padre Ângelo, pároco da Castanheira, não ensaiar juntamente com o coro, por falta de tempo, este grupo salienta a ajuda que ele dá durante a missa. A recompensa de todo o tempo dispendido é uma missa mais alegre e apelativa e os numerosos elogios vindos essencialmente de fora. O trabalho desenvolvido ao longo de todo o ano é fruto da boa vontade dos 14 elementos pertencentes ao grupo. Geralmente, as mordomias do Senhor, da Nossa Senhora da Conceição e do Menino Jesus dão uma recompensa monetária, a qual contribui para o convívio organizado pelo grupo todos os anos. Afinal de contas, para um bom trabalho de grupo, é essencial a amizade, o convívio e a harmonia entre todos.

Finalmente, é importante referir que este coro tem as portas abertas a qualquer pessoa que esteja disposta a fazer parte dele, bem como a sugestões de melhoria.

Marta Marques



Castanheira em movimento

Nascimentos



Martim Casalta Ferreira e Gonçalo Casalta Ferreira, nascidos em 02-07-2008 no Hospital Sousa Martins na Guarda. Filhos de Carla Maria Dinis Teixeira Casalta Ferreira e Joaquim Manuel Alexandre Ferreira.

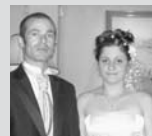


Sara Marques Fortunato da Fonseca e Inês Marques Fortunato da Fonseca, nascidas a 12 de Junho de 2008, filhas de Paulo Alexandre Marques Martins da Fonseca e Irene de Jesus Marques Fortunato da Fonseca

Casamentos



Júlia Maria Teixeira Brás e José Henrique Carvalhina, casaram em 7 de Junho de 2008, no Convento de S. Francisco, Orgens, Viseu



Emanuel Pereira Saraiva e Sandrine Saraiva casaram em França em 31 de Maio em Bois

Óbitos

Celeste Aurora D. S. de Carvalho, em 28-04-2008
Angelina Moita, em 22-05-2008
Duarte Gonçalves, em 26-06-2008
Purificação Augusta Dinis, em 05-07-2008

Irene Fortunato Fonseca



O que é que faz como vereadora a tempo inteiro na Câmara Municipal de Pinhel?

Estou com o pelouro das obras particulares mas também analiso às vezes processos de obras públicas. Por vezes temos também de analisar outras questões camarárias já que só somos dois vereadores a tempo inteiro. Temos de mexer em tudo.

E qual é a sua impressão deste trabalho no executivo municipal?

Como tem a ver com a minha profissão de engenheira civil e com o meu trabalho na Câmara de Almeida, estou como peixe dentro da água. Sinto-me bem, gosto daquilo que estou a fazer. Por outro lado, as dificuldades do concelho são muitas e os desafios também o são.

E quando é necessário tomar decisões difíceis como política?

Mas isso tem que ser... É como nas outras profissões. Às vezes a decisão é difícil porque implica ir contra o interesse particular de algumas pessoas mas

temos que ser claros e justos. Outras vezes é necessário decidir na Câmara por prioridades. E o que é prioritário para uns não o é para outros.

E vê-se como política profissional?

O que eu estou a fazer como vereadora tem a ver com a minha profissão de engenheira e isso agrada-me mas também sinto que neste lugar posso ajudar as pessoas. Numa câmara pequena como a de Pinhel, as pessoas vão directamente ao vereador e às vezes ao presidente como "a pedir a Deus". Conhecemos as pessoas quase todas e tentamos ajudá-las a resolver os seus problemas. E isso é gratificante.

E também implica às vezes dizer que não...

Quando podemos ajudar, ajudamos mas não podemos ir contra a lei. Lidar com os municípios e ajudar a resolver os seus problemas é um desafio: para isso é preciso saber ouvir e tentar ajudar na medida do possível e acima de tudo fazer entender às pessoas que há regras, normas e leis que têm de ser

cumpridas.

Como é a actual fase da sua vida pessoal?

É difícil porque tive agora duas gémeas (Inês e Sara) que nasceram a 12 de Junho. Está a ser um pouco complicado para já cuidar das duas. Tenho também um rapaz de cinco anos chamado Miguel. Eu própria já era gémea (a minha irmã gémea faleceu) e dizem que as pessoas gémeas têm mais tendência a ter filhos gémeos. Agora tenho o banco de trás todo para eles com três cadeirinhas, nem posso dar boleia a ninguém.

Vai à Castanheira?

Cada vez menos. É uma questão de tempo. Embora lá tenha ainda muitos familiares. A minha relação com a Castanheira sempre foi intensa porque quando era jovem aos fins de semana os meus pais iam para lá. Nas férias íamos também para lá e convivíamos com os primos e tios. Em Pínzio a nossa casa também era isolada e isso favorecia o nosso relacionamento com a Castanheira.

Como é que vê a Castanheira hoje?

A Castanheira tem-se desenvolvido bastante e tem havido iniciativas interessantes tanto da Junta como das associações e isso é de aplaudir. No que respeita ao despovoamento, não há nada a fazer, é um fenómeno geral, que se passa também em Pínzio e na Câmara onde estou. Custa-me dizê-lo mas estamos condenados a "diminuir".

Estudou na Guarda e em Coimbra?

Sim, estudei na Escola Afonso de Albuquerque da Guarda (Liceu) e na Faculdade de Ciências de Coimbra. Tanto do Liceu da Guarda como de Coimbra guardo óptimas recordações. Foram tempos maravilhosos.

E o futuro? Vai continuar na política?

Logo se verá. Se for possível continuarei mais algum tempo. Mas no momento próprio voltarei ao meu lugar na Câmara de Almeida.

Joaquim Fortunato Dinis, 78 anos



Joaquim Fortunato Dinis, hoje viúvo e com 78 anos de idade, tem dois filhos. Tal como era frequente no seu tempo, nem todas as gravidezes foram bem sucedidas, uma resultou em aborto, a outra, apesar de chegar ao fim, a criança sobreviveu apenas alguns dias.

Frequentou a escola durante pouco tempo, não sendo o suficiente para aprender a ler e escrever. O professor do Freixo disse ao meu pai que eu não aprendia, e ele tirou-me de lá." Além disso a necessidade de trabalhar era muita, e não havia tempo a perder na escola. Começou desde muito cedo a trabalhar com o pai, na terra e no ofício (sapateiro), juntamente com o seu irmão António. A irmã, tal como a mãe, passavam o tempo a trabalhar na terra e a fiar. "Trabalhava-se muito mas havia saúde. Sem abandonar o trabalho do campo e do ofício, aos 12 anos entrou para a "Música". Inicialmente tocava trompa, depois mudou para cornetim. Esteve na banda até 1961, ano em que acabou. Começou tudo a emigrar, deixou de haver gente para

tocar. O Ti António Paulino, que era o maestro, faleceu, os mais velhotes já não podiam, acabou tudo. As festas que faziam eram essencialmente na zona da raia. Chegávamos a andar por lá três meses, na época do Verão, sem virmos passar um domingo a casa, só para ganharmos 25 tostões por festa. Quando entrei, o meu pai ainda teve que pôr quarenta escudos, porque o dinheiro que tinha ganho não chegava para pagar o arranjo dos instrumentos. Os instrumentos eram sempre reparados no Porto. A despesa era paga entre todos. Casou aos 29 anos, mas nunca deixou de trabalhar com o pai. À procura de uma vida melhor, emigrou para a Alemanha durante 3 anos. Quando comecei a ganhar lá algum dinheiro, voltei, porque a minha mulher não gostava que eu fosse para lá. O facto de não saber ler e escrever impossibilitou-o de participar nos dramas e nos "Pastorinhos". Mas participava sempre no enfeite dos arcos para os Passos, que se realizavam todos os anos. Hoje, Joaquim continua na Castanheira, aproveitando a companhia de alguns vizinhos e amigos para passar o seu tempo.

Marta Marques

TESTEMUNHOS

José Alfredo Santos Marques, ferroviário, 41 anos



Admitido na então CP em Junho de 1989, fui promovido a Factor em Janeiro de 1990, tendo sido colocado na Estação de Vilar Formoso. Posteriormente, mais precisamente em Março de 1999, a CP foi dividida em duas holdings, dando lugar a duas Empresas distintas: Comboios de Portugal (CP) e Rede Ferroviária Nacional (REFER), ficando desde essa data a fazer parte dos quadros da REFER, com a categoria de Controlador de Circulação. Em Junho de 2006 fui nomeado Chefe Titular da estação de Vilar Formoso, cargo que estou a exercer com toda a dedicação e lealdade. Este cargo que me foi atribuído é de grande responsabilidade, exigindo da minha parte toda a concentração e dedicação, dado estarem em causa vidas humanas, seja quando da partida e recepção de comboios, seja quando do controlo das linhas e respectivas manobras do material circulante. Este em síntese, o meu perfil profissional, actualmente. Futuramente, e se tal se proporcionar, tenciono concorrer à categoria de Inspector de Circulação.

José Alfredo Marques

Adubos e leite na Castanheira

Augusto Dias recorda a instalação de armazéns



Em 1981 uma Delegação da Cooperativa da Guarda, quando esta foi criada, deslocou-se à Castanheira com

o intuito de divulgarem a Cooperativa e de arranjamem sócios. Foi feita então uma reunião na Casa do Povo, pelo então director da Cooperativa, Eng.º Carlos Alves, onde mais de quarenta pessoas se fizeram sócios, pagando na altura 1.020\$00 por cada inscrição. O Eng.º Carlos Alves perguntou então se havia ali algum homem que disponibilizasse uma loja para meter uma camioneta de adubo. "Em mais de 50 homens, nenhum

se ofereceu a não ser eu", recorda Augusto Dias. "Sempre gostei de ver a nossa terra progredir" referiu ainda. Na altura não sabia Augusto Dias que lhe iam pagar alguma coisa. "Daí a uns dias vieram e entregaram-me um estatuto onde ficava a ganhar cinco escudos em cada saca que vendia" relembra Augusto Dias. Além do adubo, vinham também rações, batatas, sal, e outras coisas, mesmo utensílios para tractores. "Chegaram a vir 600 sacas de adubo num só dia" salientou Augusto Dias. Com o tempo a venda foi diminuindo até acabar por completo.

Pela mesma altura veio uma empresa de recolha de leite à procura de um lugar onde pôr um tanque frigorífico para lá se fazer o depósito do leite. "Alguém lhe

indicou a minha casa", recorda Augusto Dias. Na altura, Augusto Dias não gostou muito da ideia porque tinha menos posses do que muitos outros que vendiam o leite. Além disso era preciso gastar muito dinheiro para a implantação do referido tanque. Augusto Dias ganhava 10 tostões por litro e ao agricultor pagavam mais 25 tostões se o depositassem no tanque frigorífico. Depois passou mesmo a ser obrigatório depositá-lo no tanque. "Havia dias que media quinhentos litros por dia" recorda Augusto Dias. Durante dezasseis anos Augusto Dias teve este tanque a funcionar. Por fim chegou a medir apenas dez litros diários, o que correspondia a dez escudos de ganho. Esta actividade terminou em fins de Fevereiro de 1993.

Banda nos anos sessenta

Emigração fechou a “Música”

A Banda, ou a “Música”, como popularmente era designada, acabou há 47 anos, portanto em 1961. Outros dizem que foi há 40 anos, se tivermos em conta uma reunião de 12 músicos que ressuscitaram a Banda por um dia em 1968 para tocarem num funeral. É muito tempo de qualquer modo. A Banda fechou sobretudo por incapacidade de sobreviver à sangria de gente que ia esvaziando a aldeia: os emigrantes, que iam ganhar o sustento para a França e Alemanha e os estudantes, que iam estudar para fora (liceus e seminários da Guarda, Fundão, Viseu, Tortosendo, etc.). Os transportes, tal como hoje os conhecemos, não existiam com carreiras tão frequentes e rápidas nem as estradas eram o que hoje são – os estudantes a estudar na Guarda não puderam assim ficar a viver na aldeia. Por outro lado, a juventude não era predominante na Banda nem isso era considerado natural, ao contrário das melhores Bandas filarmónicas actuais construídas à base de jovens entre os 12 e os 25 anos.

A Música da Castanheira foi a primeira das Bandas da zona a fechar portas, tendo-se seguido a de Pínzio, da Cabreira e da Parada. Aliás alguns músicos da Banda ainda foram ajudar a Banda da Cabreira, que não se livrou de desaparecer. A Banda da Parada aguentou-se mais um pouco mas também deu toque de finados, ressuscitando apenas em 1984 a Banda de Pínzio, a única hoje com vida. À volta, nos concelhos vizinhos, só existem em 2008, e com dificuldades, bandas filarmónicas na Malhada Sorda (Almeida), na Bendada (Sabugal), em Famalicão (Guarda) e em Pínzio e Pinhel (Pinhel). Milagre seria assim que uma aldeia em fase de despovoamento mantivesse uma filarmónica. Terá faltado também aquilo que se chama hoje “direcção” a segurar as pontas.

É esse um aspecto curioso da “Música” da Castanheira. A “Música” nunca se terá constituído legalmente como associação: não havia por assim dizer presidente, sendo o “mestre” responsável pela direcção artística mas também pela gestão financeira, administrativa e do pessoal. Era ele quem admitia pessoas, quem as dispensava, quem guardava os dinheiros, quem procurava partituras e as guardava e quem cuidava ou mandava cuidar dos instrumentos. Curioso e lamentável é ainda que o sistema de arquivo da Banda fosse tão incipiente e imprevidente que não se tenha hoje qualquer ideia do espólio da “Música”. Não sobraram partituras, papéis de contratos, documentos de contabilidade, listagens de músicos... Só meia dúzia de instrumentos, hoje enferrujados.

Alguém que quisesse hoje fazer a história da Banda teria muitas dificuldades em fazê-lo a não ser pela audição dos músicos ainda vivos. Foi isso que foi feito primeiro no “Castanheira Jovem” de Abril de 2001 e depois num livrinho de César Prata na colecção Fio da Memória da Câmara Municipal da Guarda de Setembro de 2005. Fotografias só uma de fraca qualidade junto à antiga escola primária (hoje edifício da Junta de Freguesia). Estão ainda vivos da antiga Banda Albertino Dias, Amadeu Fortunato, António Fortunato, António Jerónimo, António Martinho, Augusto Dias, Inácio Martinho, Joaquim Fortunato, José Germano, José Martinho, José Osório, Júlio Lourenço e Pompeu Rebelo.

Joaquim Igreja

Reconstituição a 26 e 27 de Julho

Banda da Castanheira ressuscita

A Banda vai renascer por um dia. A ideia foi relembrar a “Música” da Castanheira e reconstituí-la. Não através dos executantes de há 40 anos mas através de músicos convidados, alguns da Castanheira, que conseguissem repor o que era a Banda naqueles anos. Partituras foi possível repescar algumas. Os músicos vieram sobretudo de bandas próximas ou de escolas profissionais. Os músicos, bem preparados musicalmente, precisaram apenas do fim-de-semana de 26 e 27 de Julho para se prepararem e fazerem depois a alvorada, a procissão e o concerto no dia 27. Dirigiu artisticamente a Banda Elmano Pereira, ele próprio músico em formação na EPABI (Escola Profissional de Artes da Beira Interior) da Covilhã. Nesta Escola frequenta o Curso de Instrumento em Tuba, trabalhando actualmente com o Prof. Nuno Machado. É director adjunto da Banda da Covilhã. A farda será constituída por calças pretas, camisa branca com distintivo (brasão) da Junta da Castanheira no braço esquerdo. O estandarte era também a bandeira da Junta. A Festa esteve vibrante. E quem sabe se a “Música” não pega!!??



Os músicos ainda vivos

António Fortunato, 88 anos, actualmente em Coimbra com alguns problemas de saúde. Tocava bombardino.

Joaquim Fortunato, com 78 anos de idade e ainda hoje residente na Castanheira, inicialmente tocava trombone, mudando mais tarde para cornetim. Tocou 18 anos na Música, entrou aos 12 anos de idade e saiu em 1961, ano em que acabou. Desde então, nunca mais voltou a tocar nenhum instrumento.

Amadeu Fortunato, com 66 anos, mora em Pínzio onde fez a sua vida como empresário e autarca. Tocava trombone.

José Germano, com 87 anos de idade e ainda hoje residente na Castanheira, inicialmente tocava trombone, mudando mais tarde para cornetim (actualmente designado trompeta). Tocou 7 anos na música, iniciando a actividade aos 12 anos de idade. Nunca mais voltou a tocar

nenhum instrumento, mas “fica sempre uma simpatia pela música”.

António Jerónimo, com 72 anos de idade e ainda hoje residente na Castanheira, tocava trompa. Tocou 8 anos na Música, entrou aos 14 anos e saiu quando foi para a tropa. Nunca mais voltou a tocar nenhum instrumento.

Augusto Dias, com 83 anos de idade e ainda hoje residente na Castanheira, inicialmente tocava cornetim, mudando mais tarde para trombone de vara. Tocou, aproximadamente, 20 anos na Música, entrou aos 14 ou 15 anos de idade e saiu em 1961, ano em que acabou a Música. Depois de ter terminado, ainda andou 1 ano a tocar trombone na Banda da Cabreira.

Júlio Lourenço, 88 anos de idade, actualmente vive em casa dos filhos, fora da Castanheira. Inicialmente tocava clarinete e mais tarde saxofone. Entrou para a música aos 12 anos, onde permaneceu durante 30 anos.

José Osório, 78 anos de idade, e ainda hoje residente na Castanheira, inicialmente tocava trombone, mudando mais tarde para clarinete. Entrou para a Música aos 17 anos, e permaneceu durante cerca de 5/6 anos. Nunca mais voltou a tocar nenhum instrumento.

Pompeu Rebelo, 64 anos, reside na Guarda. Tocava clarinete na Banda.

José Gonçalves Martinho, 77 anos de idade, é residente em Lisboa. Tocava trompa. Permaneceu durante 2 anos na Música. Depois de sair nunca ingressou em qualquer grupo, abandonando por completo a música.

Inácio Gonçalves Martinho, residente na Amadora, tem 75 anos. Tocava clarinete e permaneceu durante 3 anos na Música. Depois de sair nunca ingressou em qualquer grupo, abandonando por completo a música.

António Gonçalves Martinho, 81 anos, reside em Lisboa. Tocava clarinete.

Recolha de Marta Marques



A BANDA – MEMÓRIA

Sempre gostei de música, de músicas e não sei bem porquê. Sempre persegui os músicos sem saber a causa. Ia a um lado e outro para ouvir, sem ter a noção da origem do gosto. Mas a música sempre me seduziu, me tocou; e, se penso ser um bom apreciador, tenho a certeza de que nunca tive unhas p’ra guitarra, dedos para o piano e sopro para os metais. Ainda iniciei uns treinos no piano (ou órgão), ainda convenci o meu pai a comprar-me uma guitarra quando adolescente ... mas nada. Fui “segunda voz” no coro do Seminário do Colégio e já no Centro Cultural – 1972 (?) – mas seria voz de segunda, certamente.

O meu pai também era músico seguramente como eu; sei que tocava “trinchos” ou “pratos” e soube que também tocou bombo nas falhas d’outros. Já do lado da minha mãe era outra música: meu avô José Martins e meu padrinho Joaquim Martins eram virtuosos solistas. Clarinetes e outros sopros, outros metais finos e delicados.

Da banda pouco me recorde para além de a perseguir em garoto pelas ruas e da festa e dos foguetes, da missa cantada e do TiTó que carregava o mais impressionante instrumento – uma tuba a que chamavam contrabaixo. Por causa dele andei eu a pensar alguns anos que o contrabaixo era um instrumento de sopro em vez de cordas.

A memória traz-me a festa, a cerimónia e religiosidade, o dia especial, a roupa nova e as procissões, as correrias e as brincadeiras e as diversões pobres dos tempos mais duros da Castanheira pré-emigração.

Certo é que a banda era alegria na nossa meninice.

José Martins Igreja

Chico do Morumbi e Dona Rosa



Rosa Gonçalves Teixeira Eugénio, 72 anos e Francisco Júlio Eugénio, 66 anos

Rosa Gonçalves Teixeira Eugénio, filha de Martinho Teixeira e Antónia Gonçalves Dinis, está actualmente emigrada no Brasil. Francisco Júlio Eugénio, seu marido, foi o primeiro a emigrar, em 1960. Rosa e Francisco casaram por procuração, uma vez que o Francisco já estava no Brasil, tendo Rosa emigrado em 1963, constituindo lá família, 3 filhos e 7 netos.

Sempre estiveram em São Paulo, na Mougi das Cruzes, excepto o filho mais velho que reside em Tantos. A viagem do Francisco para o Brasil foi de navio, chamado Curriente, com a duração de 9 dias. A adaptação foi muito difícil, especialmente para Francisco que foi o primeiro a emigrar, mas tudo se ultrapassou. Quando Rosa chegou ao Brasil, já tinham um pequeno negócio, um restaurante, que foram expandindo ao longo do tempo. Neste momento, além do restaurante, têm também um hotel, empregando cerca de 80 a 100 pessoas directamente, e indirectamente cerca de 300 a 400. Em princípio a ideia era ficarem 3 ou 4 anos no Brasil e regressarem a Portugal. Mas acabaram por gostar, constituir família e amizades, afastando-se cada vez mais a hipótese de regressarem a Portugal. "Lá, ganhei algum dinheiro e consegui implantar o próprio negócio em pouco tempo, sendo bastante mais compensatório. Cá em Portugal era muito duro, porque trabalhava e ainda tinha que pagar para trabalhar, era alfaiate. Rosa, antes de emigrar, passou por vários sítios como regente, por Valdujo, Cogula e por Longroiva. O último ano de regência foi exercido na Castanheira, na escola, onde é actualmente a Junta. Quando fui para o Brasil já tinha a cama meia feita, sendo uma adaptação mais fácil. Foram sempre bem recebidos em todo o lado, especialmente pela comunidade brasileira, onde já tinham parentes. Embora se fale do Brasil como "um país do terceiro mundo", devido às imagens transmitidas pelos meios de comunicação social relativamente às condições de insegurança, segundo este casal, não é bem assim, tem muitas coisas boas, que muitas vezes são camufladas pelo facto de serem apenas divulgadas as más. Os estados de São Paulo, Rio de Janeiro, e outros, são exemplo de primeiro mundo. É um país de portas abertas para os bons e para os maus, embora os maus aprendam depressa a lição. Nós não temos razão de queixa, nunca nos aconteceu nada de ruim, cada ano que passa, melhora a nossa vida. Com o estabelecimento aberto há 41 anos, nunca fomos vítimas de qualquer tipo de assalto. Usamos as jóias, tal como em Portugal e nunca houve problema em termos de segurança. Em São Paulo somos conhecidos por Chico do Morumbi e Dona Rosa. O restaurante está aberto todos os dias, por isso não há muito tempo para convívios. Mas temos lá amigos próximos: o João Tomé, o António, o José e pessoal de Pousade, que vivem perto de nós." Este ano foram eleitos os empresários do ano na sua actividade, pela Associação Comercial de Mougi das Cruzes, que divulgou a eleição através de um panfleto.

No entanto, apesar de estar tudo a correr bem, acabamos por ser sempre discriminados. Muitas vezes o emigrante perde a sua identidade, no Brasil chamam-nos portugueses e em Portugal chamam-nos brasileiros." Previsões para o futuro: continuar no Brasil, pois a família está lá, os filhos, netos e talvez bisnetos."

A forma como este casal encara a vida, muitas vezes com imensa tolerância, e boa disposição para com os outros, tem favorecido a sua vida e tem evitado muitas vezes outros males, mas como a Rosa e Chico dizem também é preciso ter alguma sorte.

Manuel Alberto Dinis

EURO na rua



A selecção portuguesa foi acolhida em Genève por milhares de portugueses. Houve mesmo um grupo com mais de 1000 motos que os acompanharam desde a chegada até ao hotel onde ficaram instalados em Neuchâtel. Nessa mesma semana e numa grande sala de espectáculos, em Neuchâtel, o Tony Carreira deu um concerto de apoio à selecção onde estiveram mais de 15.000 pessoas. Havia bandeiras de todos os tamanhos e em tudo quanto era sítio, em cima das ruas, casas, balcões, janelas, carros, etc. Os dias dos jogos da selecção portuguesa terminaram com os portugueses a saírem à rua apitando, agitando bandeiras e gritando "Portugal, Portugal, Portugal". Mesmo sabendo que não se podia apitar depois das 22 horas, até os próprios políciares fechavam os olhos, juntando-se eles próprios às festas com um grande entusiasmo. No que diz respeito às outras selecções, foram um pouco mais calmas, com excepção das equipas da Itália e Espanha, porque são países com uma grande comunidade na Suíça.

Relativamente à cidade onde eu resido (Lausanne), ficou hospedada a equipa da Holanda. Meteram alguns ecrãs gigantes onde se podiam ver todos os jogos. Depois dos grandes jogos decorria uma grande festa onde os muitos apitos pela noite fora substituíram a violência que por vezes aconteceu noutros países. Foi fechado o trânsito todo no centro de Lausanne e nas grandes cidades para deixar os adeptos do futebol fazerem a festa. Houve também muito medo de atentados ou de manifestações não controladas e por isso colocaram um grande dispositivo policial pedindo mesmo ajuda à polícia francesa. O Euro também é passar um bom momento a ver com a família ou amigos os jogos da nossa selecção. Para um esclarecimento de como tudo se passou visitem o site www.youtube.com onde há vários filmes que mostram a multidão que acompanhou a nossa selecção. Um destes filmes ilustra a quantidade de motards que circularam atrás do autocarro da selecção (sete minutos de motas a passar numa auto-estrada).

David Philippe Dinis – 19 anos

Balanço positivo

A Associação Cultural de Desportiva da Castanheira (ACDC), que na passada época disputou a II Divisão distrital de Futebol, alcançou o 6.º lugar (com os mesmos pontos do 5.º) em 8 equipas. Dados os condicionalismos da equipa, é uma "boa classificação" segundo António Teixeira, o principal responsável pelo departamento de futebol. Na verdade, atingir os primeiros lugares apenas era possível às equipas da Guarda, do Pinhel e do Soito, não sendo por isso "ambição da Castanheira" esse objectivo. "Ocupar as pessoas e subir o mais alto possível", esses sim são objectivos de uma equipa como a da ACDC. António Teixeira revela também orgulho por todo o fair-play da equipa que se portou bem em campo, tanto no esforço para jogar bom futebol

como na própria disciplina.

Quanto à próxima época, o Castanheira Jovem soube que está previsto que José Manuel, que faz parte da equipa técnica há cinco anos e é filho de castanheirenses, assuma

o comando da equipa como treinador principal. Espera-se também que seja possível trazer alguns reforços mas sem loucuras. Interessa é "a manutenção". Em tempo de vacas magras, uma equipa sem dívidas é uma bênção.



Palavras da nossa terra

(recolha a partir do blogue <http://castanheiranomundo.blogspot.com>)

Há algo de muito característico na zona da Guarda...Qualquer pessoa que vai ou vem de lá inevitavelmente fica com certas expressões. A que "pega" logo é, quando alguém se refere a mais que uma pessoa, dizer Vós, em vez do actualmente utilizado na capital "você"! E realmente o que é correcto é o vós. "Onde vós ides?" "Vindes?" "Quereis?" "Tendes?", etc., etc.

Mas há mais... Na minha última visita à terra recolhi uma série de palavras e expressões que só ouço por lá. Para fazer par às "lostras" e ao "apichar":

Castanheira no Mundo

O cantinho dedicado a nossa terra! Se quiseres fazer parte deste blog envia um email para castanheiranomundo@clix.pt

23.7.08

Banda da Castanheira - Uma tradição que renasce

O presente projecto representa a justa e merecida homenagem das gentes da Castanheira à sua Banda desaparecida nos anos 60.

- Antão = então, naquela altura;
- beldar = ladrar
- barranha = alguidar de barro
- malga = tigela
- estrugido = refogado
- forro = sótão
- solheiro = lugar ao sol (lugar da conversa)
- verdugo?? (berdugo??) = tipo de cobra mas mais gorda
- sertã = frigideira
- impola = borbulha
- gadanha de sopa = concha
- "pochinho"? "Pocho, pocho, pocho...
- "dabeinão - daqui a nada, daqui a pouco

E por agora "chega da bonda"! (mas continua... com a sua ajuda!...)

José Dias Neto



José Dias Neto nasceu na Castanheira do Jarmelo em 9 de Abril de 1908. Era um homem bom, virtuoso, prestativo para todos os que o procuravam e sobretudo de uma grande dignidade. Fazia amizades com facilidade, devido ao seu bom carácter, sendo conhecido como um homem de palavra na Castanheira e arredores. Tinha uma dedicação profunda pela sua terra e com uma grande nobreza, por ela fazia tudo o que estava ao seu alcance. Foi dono de uma taberna, marco singular da aldeia, por ser frequentada não só pelas pessoas da terra como por quantos ali chegavam, servindo, até, como «Casa de Pasto», onde alguns chegavam a pernoitar. Nela, todos se sentiam bem. Exerceu durante vários anos a função de Presidente da Junta de Freguesia, exercendo influência na vinda da luz eléctrica para a aldeia.

Trouxe também para a aldeia os Correios e Telefone público, estando sempre disponível para chamar as pessoas para o atendimento dos

telefonemas e entrega dos telegramas.

Foi ajudante da Conservatória do Registo Civil da Guarda, efectuando os registos de nascimento e óbito ocorridos na aldeia e anexas, evitando aos interessados uma deslocação à cidade.

Era conhecido em todo o concelho da Guarda, por ajudar como testemunha de abonação, fiador nos Bancos, nas Finanças e em muitos outros serviços.

Por ser proprietário de um carro de aluguer, era igualmente conhecido no distrito da Guarda, por transportar passageiros para diversas localidades do país, principalmente no auge da emigração. Daí, a gratidão de muitos dos emigrantes que, ao regressarem de férias, era uma das primeiras pessoas que visitavam.

José Neto foi sempre ajudado pela sua mulher, Maria Rosa, meiga e simples e de trato fino, a quem deveu parte da sua identidade. Foi correspondente do Diário de Notícias, estando presente em alguns Congressos ocorridos em Lisboa, recebendo diariamente o respectivo Jornal que se encontrava à disposição de todos quantos se interessavam pela leitura do mesmo, muito em especial

pelos estudantes que se encontravam a passar férias na aldeia.

Tinha muito interesse pela cultura, lendo o jornal de fio a pavio e todos os livros que estavam ao seu alcance. Fazia do pouco tempo que tinha livre um convívio saudável chegando a ser ensaiador da peça dramática «Os Pastorinhos» e outras, contribuindo, desta forma, para o enaltecimento da aldeia, por atrair tanta gente vinda dos arredores.

Nas noites quentes de Verão os filhos e alguns amigos juntavam-se na varanda de sua casa e ali tocava Guitarra, às vezes acompanhado pelo seu filho, que tocava Banjo.

Nos últimos anos, após o seu falecimento, a taberna de sua casa tem sido solicitada pelos organizadores de eventos culturais na aldeia para a recriação de profissões, algumas em vias de extinção.

Os seus 7 filhos, que tanto amou e a quem deu uma esmerada educação, nutrem por ele uma grande admiração e uma eterna saudade.

À AJAC agradecemos a lembrança pela figura do nosso pai.

A Família Neto

CASTANHEIRAS POR TODO O LADO

Castanheira (Espinho – Mortágua)

Castanheira é uma das 22 aldeias da Freguesia de Espinho, do concelho de Mortágua, situada no extremo



Sudoeste da Freguesia, a limitar com a vizinha freguesia de Trezoi, bem perto da Serra onde, em outros tempos, as forças francesas foram derrotadas na célebre batalha do Buçaco.

É uma aldeia como tantas outras, que deu filhos para quase todas as partes do mundo e hoje se vê a braços com o fenómeno da desertificação. Com uma população de meia centena de pessoas, na sua maioria pensionistas e, são ainda estes e poucos mais, que dão vida aos campos agrícolas e florestais que a circundam dando-lhes mais uns trocos para os ajudar a sobreviver.

Gente que professa a fé católica, possui uma capela construída no

século XVIII, o seu padroeiro é o S. Miguel, festejado todos os anos em Agosto, altura em que se reúnem alguns emigrantes que vêm matar saudades.

Da sua fundação pouco ou nada se sabe, há quem adiante que o nome da terra terá nascido do nome dum primeiro habitante que se chamaria Castanheira.

Acerca do seu padroeiro conta-se uma história bizarra: Que foi encontrado pela gente de Vale de Mouro, (uma povoação vizinha), no Vale de São Miguel, e levado para essa povoação. O Santo fugia da povoação e voltava aparecer no referido Vale de São Miguel, pertencente à Castanheira.

(cont. na página 11).

Danças com barrocos

Hoje já quase não há casas de pedra ou só de pedra. Não quer isto dizer que a pedra seja estranha às novas construções. Algumas encostam-se mesmo às rochas, melhor dizendo aos barrocos, iniciando com eles um jogo de convivência e “chega-te para cá que fazes

jeito” que é de admirar. Fomos à procura desses espaços na Castanheira. Situam-se na zona das Eiras mas também à saída para Pínzio ou na Laja Longa. Aqui ficam alguns exemplos. O julgamento fica a vosso cargo.



(continuação da página 10, Castanheiras por todo o lado)

E o povo de Vale de Mouro voltava a ir buscá-lo e voltava a fugir, até que o povo da Castanheira resolveu ir buscá-lo e então sossegou o Santo. Era na Castanheira que Ele queria ficar.

A evolução da aldeia em termos de construção é quase nula; não fossem algumas remodelações de casas antigas, poder-se-ia chamar a evolução 0, embora num passado bem recente se tenham ali construído boas vivendas. Valha-lhes ao menos as boas acessibilidades que a ligam à sede do concelho e outras terras vizinhas.

Castanheira. Terra de gente humilde, de operários, de estudantes universitários, agricultores e pensionistas, médicos especialistas e até juiz de direito. Terra pequena mas que teima em continuar a ser a CASTANHEIRA.

Nelson Santos, Presidente da Junta de Espinho (Mortágua)

Elmano Pereira na Áustria

Valeu a pena



Elmano Pereira, o nosso músico mais conceituado e director artístico da Fanfarrinha Sacabuxa, regressou há dias de uma formação que desenvolveu na Áustria. Esta formação desenvolveu-se à volta de um grupo de 60 músicos aproximadamente, dos quais 9 portugueses, que durante 15 dias prepararam peças para três projectos: um concerto para um ensemble de metais (pequeno grupo de 10 músicos) com músicas de todo o mundo; um concerto de tributo a John Williams, compositor de música de filmes; e uma ópera de Mozart (Cosi fan tutte). Elmano participou nos dois primeiros projectos com a sua tuba.

Em conversa connosco, Elmano confessou o seu contentamento com esta formação, que o fez novamente “dar um salto” na sua aprendizagem. E já está a pensar na próxima formação na ARTAVE (Escola Profissional Artística do Vale do Ave) em Santo Tirso, a realizar nas duas primeiras semanas de Setembro. Trata-se de uma formação para a Orquestra Sinfónica APROARTE destinada aos estudantes de escolas profissionais artísticas.

Notícias da Junta



A Junta de Freguesia há muito defende a criação de uma equipa de sapadores florestais para realizar trabalhos de limpeza em redor da povoação para que nos meses de Verão a população possa estar mais descansada no que respeita a incêndios.

Abrangida pelo programa "Aldeias Seguras", integrado no Programa de Acção Nacional de Sensibilização e Educação da Defesa da Floresta Contra Incêndios da responsabilidade da Direcção-Geral dos Recursos Florestais a Castanheira foi dotada com um kit de primeira intervenção para combate de incêndios, no valor de 7.704 euros, mas o equipamento não é operado por falta de meios humanos.

Sem uma equipa de sapadores acaba por se perder um pouco o

trabalho que foi feito no ano passado. Há três anos atrás, a Associação de Freguesias do Jarmelo, que também integra a Junta da Castanheira, apresentou uma candidatura para a criação de uma equipa de sapadores, mas a mesma ainda não foi aprovada, embora se continue a fazer esforços para que este ano seja aprovada.

A Junta de Freguesia está a sensibilizar os particulares para fazerem uma limpeza mais superficial e não deixarem chegar os terrenos à situação em que estavam no ano passado, reclamando estes que não têm quem a faça ou a quem pagar para o fazer.

Em 2007 a Castanheira foi a única localidade do Distrito da Guarda abrangida pelo programa "Aldeias Seguras", integrado no Programa de Acção Nacional de Sensibilização e Educação da Defesa da Floresta Contra Incêndios da responsabilidade da Direcção-Geral dos Recursos Florestais, lamentando-se apenas que não tenha tido continuidade em 2008. É um projecto que devia continuar para permitir a manutenção da limpeza da floresta.

Leonel Abadesso, Presidente da Junta de Freguesia da Castanheira

Notícias da AJAC

As piscinas da Castanheira encontram-se abertas todos os dias, este ano, com um horário alargado, das 10h30 às 20h00. O bar, à semelhança do ano anterior, está aberto até às 24h00. O bilhete de ingresso (das 10h30 às 20h00) para os não sócios custa a módica quantia de 2,00 euros enquanto que para os associados, com quotas regularizadas, a entrada é livre. Recordamos que para os associados com idade inferior a 12 anos a quota é de 6 euros e para idades superiores a 12 anos a quota é de 12 euros, e podem ser pagas nas piscinas.

Depois do centro de explicações a Oficina Estudo e Arte lançou, na Castanheira, um programa de férias pedagógicas e desportivas onde se praticam as mais variadas actividades. Em todas as actividades os associados da AJAC usufruem de desconto.



**PALAVRA
DE PRESIDENTE**

Nova banda da Castanheira

Em Agosto de 2001, no âmbito do Festival de Cultura Tradicional, foi organizada uma oficina de música que culminou em uma pequena actuação onde pontificavam vários jovens músicos da Castanheira. Um ano depois, e após um considerável esforço da associação, aconteceu a estreia da Fanfarra Sacabuxa. Para que tal fosse possível contámos com diversos e prontos apoios.

Desses apoios, um merece especial relevo: a população da Castanheira. Desde a primeira hora que, mais que simplesmente apoiar, toda a população se envolveu, ajudou a superar dificuldades, aplaudiu e impeliu a Sacabuxa a crescer. A população da Castanheira foi o primeiro sopro da Sacabuxa.

Nós na associação sentimos um grande orgulho por a Castanheira ter adoptado a fanfarra como sua.

Esse empenho deve-se sem qualquer dúvida, à Antiga Banda da Castanheira que espalhou o gosto pela música na nossa terra. Portanto, tal como refere a sabedoria de um antigo músico da banda, a Sacabuxa tem as suas raízes na Banda da Castanheira. Tem toda a razão!

Quatro décadas depois da última actuação, ai está a merecida homenagem à Antiga Banda da Castanheira. Uma homenagem, com a duração limitada de 24 horas, protagonizada pelos jovens músicos da Castanheira. Podem contar com a Castanheira que, mais que o apoio, vai estar mais envolvida, vai ajudar a superar dificuldades e vai aplaudir. A população da Castanheira vai ser o primeiro sopro da Nova Banda da Castanheira. A decisão é vossa.

Parabéns pela iniciativa.

Vitor Gonçalves

Ficha Técnica

Boletim da Associação da Juventude Activa da Castanheira

6300-075 Castanheira Web: www.ajac.com.pt

e-mail: geral@ajac.com.pt Director: Vitor Gonçalves

Coordenador: Joaquim Martins Igreja Paginação: Elsa Fernandes Impressão: Marques e Pereira (Guarda)

Periodicidade: Quadrimestral Tiragem: 1.000 ex.

Quer receber gratuitamente o jornal em casa?

Preencha este cupão e entregue directamente na AJAC ou envie para:
Associação Juventude Activa da Castanheira - 6300-075 Castanheira

Nome: _____ Idade: _____

Profissão: _____ Morada: _____

Telefone: _____ E-mail: _____